

M. E. B.
MOVIMENTO
DE EDUCAÇÃO
DE BASE



DOCUMENTOS DE ESTUDO

êstes documentos apresentam temas de estudos, muitos dêles ainda em fase de elaboração, necessitando discussão e aprofundamento. por isso, são de exclusivo uso interno do meb.

a equipe técnica nacional espera receber observações, críticas e sugestões que a ajudem neste trabalho.

LIMA, Laura de Oliveira

INTRODUÇÃO AO MÉTODO PAULO FREIRE :

experiência de Brasília

*[Rio de Janeiro]: MEB, 1953, 17 p.
mimeo, il. (Documentos de estudo)*

Este estudo contém um relato da experiência do sistema Paulo Freire, em Brasília, feito para a Campanha de Mobilização dos Estudantes Secundários para a Erradicação do Analfabetismo. Estamos enviando aos diversos Sistemas do MEB como uma colocação sintética sobre o referido assunto. Acrescentamos, no final do estudo, algumas notas que consideramos necessárias.

equipe técnica nacional - setor de estudos

O método de Paulo Freire tem as seguintes características básicas:

1. Não precisa de cartilha. O trabalho de alfabetização pode ser feito: no quadro-negro, numa parede, com carvão, com fichas pré-fabricadas, com projetores (a melhor forma, evidentemente), etc., conforme os recursos locais. É, portanto, um método que pode ser popularizado, independentemente de recursos financeiros, dependendo apenas da boa vontade da pessoa que deseje contribuir para eliminar o analfabetismo do Brasil.
 2. É um método cujo material é de origem local. Utiliza-se, para alfabetizar, o vocabulário mais usado pelo povo da localidade (PALAVRAS GERADORAS). Na escolha das palavras deve-se ter dois cuidados básicos, sob pena de não selecionar as palavras MOTIVADORAS:
 - a. serem palavras de alto conteúdo sociológico e que expressem aspectos da vida, a fim de emocionar o grupo de analfabetos. Assim, sentirão eles sua própria vida discutida na hora da alfabetização. Se forem palavras secas de conteúdo e vivência, não darão lugar à DISCUSSÃO, que é fundamental para gerar o interesse e ligar a alfabetização aos problemas do indivíduo;
 - b. serem palavras que, em sua seqüência, cubram todos os FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA, de modo que, através delas, sejam abrangidas tôdas as dificuldades da LEITURA.
- Paulo Freire seleciona estas palavras através de uma pesquisa do UNIVERSO VOCABULAR da comunidade, mediante entrevistas prévias com os grupos que serão alfabetizados. Uma equipe técnica, depois, seleciona as palavras que cubram a variedade de fonemas da língua, explorando assim as dificuldades da leitura.
3. As palavras GERADORAS (ou alfabetizadoras, digamos assim) devem ser apresentadas num contexto sociológico (uma cena local que possa ser resumida pela palavra). Este contexto figurativo dá a sustentação psicológica da palavra na mente do analfabeto, permitindo que ela gere outras palavras e funciona como CHAVE para a leitura de inúmeras outras palavras. A palavra LABUTA (apresentada numa cena de pessoas pobres que trabalham) pode permitir a leitura de cerca de 250 palavras outras, cujas sílabas sejam as mesmas usadas na palavra geradora.
 4. As palavras são apresentadas através de uma figura: sobre a qual deve ser feita uma discussão com o grupo (de cerca de 20 pessoas) que está sendo alfabetizado. O papel do coordenador (alfabetizador) é fazer o grupo explorar a figura em tôdas as dimensões possíveis. Quanto mais vivo o debate, quanto mais idéias aparecerem, mais ri-

co é o processo de conscientização e de fixação da PALAVRA - CHAVE. O papel do coordenador é estimular a discussão do grupo. Não tem importância (é até bom) que a discussão seja prolongada e viva. O coordenador deve ser um AGENTE PROVOCADOR DA DISCUSSÃO e CONTROLADOR, para interpretar as dificuldades que o grupo tem de expressar-se. Não deve deixar que nenhum dos membros do grupo fique calado. Deve interpellar a todos. Deve estimular para que falem. Deve fazer perguntas esclarecedoras. Não deve dar suas próprias opiniões. Deve tentar prolongar o debate, sempre apontando para a figura e mostrando novos aspectos. Quando a discussão tiver esgotado o tema, chamará a atenção para a palavra que está contida, com certa discreção, na figura. Explicará, então, que uma cena VIVA pode ser PINTADA. UMA CENA PINTADA pode SER FALADA (discussão) ou ESCRITA. Explicará então o que é escrita. Discutirá, então, o papel da LEITURA na vida humana. Cada um será estimulado a dizer para que serve a escrita. Por que quer ser alfabetizado? Que fará quando estiver alfabetizado? Naturalmente, a riqueza pedagógica deste momento dependerá da habilidade do coordenador em explorar a situação para que todos se pronunciem, todos digam suas dificuldades, todos participem do grupo. O coordenador deve-se lembrar de que os analfabetos devem estar INIBIDOS, bloqueados e deve ser criada uma situação "simpática" para que todos estejam à vontade.

5. A alfabetização, pois, realiza-se em situação de GRUPO. Quem alfabetiza não é o coordenador: o próprio grupo se alfabetiza pela discussão. Isto é fundamental. Por isso o coordenador deve ser uma pessoa inteligente que estimule e não iniba o grupo. Se fôr feita a discussão no ESCURO, é melhor porque as pessoas do grupo perdem, mais facilmente, a INIBIÇÃO.

6. No método não há decoraçào de PALAVRAS, mas de fonemas (sílabas). As sílabas são apresentadas como um ENIGMA (charada, problema), que deve ser resolvido pelo grupo. O grupo deve ser estimulado pelo coordenador a DESCOBRIR PALAVRAS, a FAZER PALAVRAS, A ENCONTRAR SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS. Não se diz que tal letra é de tal forma: manda-se que o grupo descubra a diferença entre um J e um T, entre um A e um E, etc. Sempre é o grupo que deve descobrir a forma das letras, das sílabas, das palavras: é o melhor exercício de FIXAÇÃO. Deixar que eles usem seu próprio vocabulário para DESCRVER AS SÍLABAS.

7. Os fonemas apresentados numa aula são copiados em pequenas fichas, que são dadas a cada participante para levar para casa e lá tentar formar novas palavras (por exemplo: com a palavra LABUTA - LA - BU TA, podem ser feitas as palavras: TALA, BULA, TABU, LATA, etc. Se fizermos cada sílaba variar mediante as VOGAIS, cêrca de 250 palavras novas podem ser lidas). Veja-se, portanto, que se apresenta ao analfabeto, não algo para ler, MAS, o MATERIAL SILÁBICO PARA ELE FAZER PALAVRAS: é uma atitude inteiramente nova em alfabetização. Em vez de um homem passivo diante do texto, temos um homem ativo construindo PALAVRAS com as "chaves" (sílabas) que ele desco

briu na palavra geradora. Isto é FUNDAMENTAL no método.

8. A escrita é concomitante. Logo que se apresenta uma palavra, no próprio ato de VISUALIZÁ-LA, começa-se, inconscientemente, a ensinar a escrita. Quando o analfabeto descobre que (por exemplo) o J é um "poste" com uma "voltinha" embaixo, já aprendeu, psicologicamente, a escrever. Falta apenas TREINAR A REPRODUÇÃO GRÁFICA, que poderá ser feita na aula ou em casa. Para ensinar a escrita, pois, o coordenador terá que fazer o grupo "estudar" CADA LETRA. A melhor maneira de estudá-las é perguntar: "COM QUE SE PARECE UM G" ? Ou então: "QUAL A DIFERENÇA ENTRE UM E e um F?" etc. Cada detalhe da letra deve ser estudado para facilitar a escrita. Todo homem sabe riscar na areia, por exemplo, uma MARCA DE GADO: por que não saberia reproduzir uma letra que foi ESTUDADA EM GRUPO ?
9. É inteiramente diferente, pois, o comportamento do professor no método: nada é feito por ele, tudo é feito pelo aluno. Seu papel é fazer VER A JULHO QUE O ANALFABETO NÃO VIU. Aliás, esta técnica é hoje adotada em toda escola de qualquer grau... Não se põe o analfabeto diante de uma cena que deve ser decorada, mas diante de um PROBLEMA (ou de uma CODIFICAÇÃO) que deve ser resolvido pelo grupo (DECODIFICADA). Esta forma de agir dá dignidade ao grupo, fá-lo sentir-se importante, participante, construtor, desafiado diante de uma situação que exige resposta inteligente. Este período de VISUALIZAÇÃO e DECODIFICAÇÃO DEVE ser tão longo quanto necessário para não deixar sem comentário do grupo nenhum dos DETALHES DA SITUAÇÃO.
10. O professor (o coordenador) deve alternar as perguntas, ora visualizando o DETALHE, ora chamando a atenção para o CONJUNTO. A aprendizagem é uma GESTALT, uma estrutura, uma totalidade: só se fixa se for transformada em situação TOTAL. É outro ponto importante que a pedagogia antiga (método catequético, método heurístico, etc) não levava em conta. É a ESTRUTURA QUE SUSTENTA A PERMANÊNCIA DA APRENDIZAGEM NA MENTE DAS PESSOAS. É por isto que o método é tão eficiente: não se ensinam milhares de detalhes, mas alguns conjuntos (palavras geradoras) que servem de "chave" a toda leitura. É por isto que com tão poucas palavras se pode alfabetizar. Pelos demais métodos, é quase necessário aprender a ler CADA PALAVRA.

PERÍODO INICIAL DE MOTIVAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

1. O método não lança o analfabeto de chofre no processo alfabetizador. Inicia-se por longo período de motivação e conscientização. A maioria das pessoas analfabetas não está muito interessada em alfabetizar-se (1). É preciso que o homem compreenda que seu analfabetismo é UMA DIMINUIÇÃO DE SUA DIGNIDADE DE HOMEM. Que foi fechada para ele uma porta fundamental por onde entra a CULTURA. É preciso que ele venha a ter pejo de ser analfabeto.

2. Todos os homens foram feitos iguais diz a doutrina cristã, dizem as constituições. Mas, na prática, o que existem são pessoas dominadas e pessoas dominadoras (2). É preciso, pois, transmitir, inicialmente, ao homem analfabeto o conceito de que todos são iguais e que não deve haver homens privilegiados em face de seus irmãos. A leitura é a porta que abre o caminho para um mundo que estava vetado ao analfabeto.
3. Em geral, os analfabetos são profundamente pessimistas e FATALISTAS (A sorte Deus é quem dá. Eu não tenho estrela. quem quer ser grande nasce viçoso, etc. etc.). É um fatalismo que faz dele um SUB-homem. É preciso, pois, mostrar a cada homem que ele tem a DIGNIDADE DE REI DA CRIAÇÃO. Seus molambos encombrem o mais por feito ser do UNIVERSO.
4. Não têm os analfabetos a idéia de que são CRIADORES, de que criar é típico do homem, não importando o tipo de criação, porque tôdas dignificam o homem. A panela de barro feita por uma velhinha encarquilhada é uma obra de criação equivalente ao poema ou à sinfonia do artista. Que é porque cria que ele é a IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS (3).
5. O analfabeto não sabe que a roupa de couro que fabrica é CULTURA. Não sabe que a casa que constroi é cultura. Pensa que há uns homens que têm poder mágico e que são os donos do mundo. Não tem sequer coragem de CRITICAR (4). O mundo para ele é uma MAGIA incompreensível. Não é, pois, de fato HOMEM. É objeto manipulado por outros homens. É preciso, pois, primeiro fazê-lo descobrir sua DIGNIDADE e mostrar que ele pode ser DONO DE SEU DESTINO.
6. Deve crer que DEMOCRACIA é o regime do HOMEM COMUM. Que todos podem dirigir sua vida e seu grupo. Que o BOM SENSO NATURAL pode conduzir o homem em seu caminho: para isto ele, mesmo analfabeto, recebeu a inteligência de Deus.
7. É preciso convencer o analfabeto de que ele é o ser mais perfeito da criação. Que ele pode dominar a natureza e pô-la a seu serviço. Que tudo que o homem constroi é uma forma de domínio da natureza. Que, à medida que o homem se torna mais poderoso, pela acumulação da CULTURA (fazer casas, pontes, poemas, sinfonias, etc.), a natureza se torna sua SERVA. Que é preciso enfrentar a natureza como REI DA CRIAÇÃO.
8. O analfabeto não sabe que JÁ É CULTO: ele sabe tantas coisas que os "homens cultos" não sabem... Perguntem ao pedreiro do grupo como se faz uma casa: ele dará uma verdadeira lição ao grupo. Cada um do grupo deve saber fazer alguma coisa: basta o coordenador explorar este aspecto da CULTURA DO GRUPO. Convencido disto, dar-se-á um fenômeno de EUFORIA no grupo e está ele motivado para a aprendizagem da leitura, esta outra forma de CULTURA...

...

9. Produz-se, assim, um DESEQUILÍBRIO PSICOLÓGICO (5) do analfabeta: êle não é mais conformista. Ele sabe agora que sabe. Ele sabe agora que já vem dominando a natureza. Ele sabe agora que é um HOMEM como os outros. Ele sabe agora que estava passivo e que pode ficar ativo. Ele sabe agora que é DONO DO MUNDO. - É UM HOMEM.

10. Está, então, preparado para o esforço de alfabetização. Está motivado. Está alegre porque entrará, pela LEITURA, num MUNDO NOVO. Não teria sentido alfabetizar apenas "para ferrar o nome" como êles dizem: é UMA NOVA VIDA QUE SE INICIA COM A ALFABETIZAÇÃO. O coordenador que não conseguir êste estado de espírito de seu círculo de cultura, é melhor parar: nada estará fazendo, realmente, pelos seus irmãos...

QUADROS INICIAIS DE CONSCIENTIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO

(êstes quadros podem ser recortados de revistas ou desenhados)

- 1º. O HOMEM DIANTE DA NATUREZA E DA CULTURA. (um casal de costas para o espectador, contemplando uma paisagem onde há casas, obras humanas, pássaros, animais, árvores, etc.). *é a ligação com a realidade?*

Discussão do grupo: Que é obra do homem? Que é obra da natureza? Como modifica o homem a natureza? Como faz cultura? Por que o homem faz cultura? Por que modifica a natureza? Como se guarda a cultura? Como a natureza se reproduz? Qual a diferença? etc. etc.

- 2º. UM ÍNDIO ATIRANDO, COM UMA FLECHA, NUM PÁSSARO QUE VOA.

Discussão do grupo: Visualização do quadro. Identificação dos elementos. Que é um índio? Que instrumentos usa? Que é um pássaro? Qual a relação entre o pássaro eo índio? Por que atira no pássaro? Com que atira? De onde tirou o arco? Como fêz o arco? O arco é cultura? Como se veste o índio? etc. etc. etc.

- 3º. UM CAÇADOR MATUTO (TABARÉU) CAÇANDO DE ESPINGARDA.

A diferença entre êste quadro e o anterior. Diferença entre o selvagem e o civilizado? Por que são diferentes? Por que usam instrumentos de caça diferentes? Como se vestem? Qual o mais poderoso diante da natureza? Por que? etc. etc. etc.

- 4º. UM GATO CAÇANDO UM RATO.

Qual a diferença entre um índio, um tabaréu e um gato que caçam? Pode-se dizer que aí há três graus de CIVILIZAÇÃO? Qual o mais hábil? Quais as diferenças entre os três? Por que são diferentes? Quem é mais humano? Por que o homem deixou de caçar? Que substitui hoje a caça? Como se chama esta transformação? Que é melhor? Ser como o índio? Como o gato? Como o caçador? Ou como hoje? Por que?

5. . .
UMA MULHER DEBAIXO DE UM TENDA DE PALHA FAZENDO LOUÇA DE BARRO .

Qual a diferença entre esta mulher e os caçadores dos quadros anteriores? Das pessoas presentes quais são como a mulher? Quais não como o caçador? Como será a vida de cada um destes personagens? Como será que eles vivem? Que existe por trás destas atitudes? Esta mulher está fazendo "cultura"? Quem mais faz cultura? No grupo, todos fazem cultura? Quem é mais adiantado: a mulher, o caçador ou o índio? Por quê? Esta mulher sabe ler? Precisa saber ler? E se soubesse ler? Ela é feliz? O índio é feliz?

6. . .
UM PRATO, UMA MORINGA, UMA PANELA, TUDO DE BARRO, PRODUTO DO TRABALHO DA MULHER.

Isto é natureza ou cultura? Quem fez estes objetos? Quando esta mulher morrer, ficam as obras que fez? Por que ela faz louça de barro? Quando ela termina seu trabalho, que acontece com os objetos que ela fez? Na panela, no prato, na moringa, está a mulher? Ou estas coisas agora não são mais dela? E se ela vender estes objetos ou os der? Esta mulher poderia fazer uma cidade? Um automóvel? E os operários que fazem geladeiras, mesas, casas, são como esta mulher? De quem são as coisas que o homem faz? Quem fez todas as coisas que existem no mundo? Por que o homem faz coisas? Por que não ficou como o índio em sua maloca? Por que todos os dias aparecem novas coisas feitas pelo homem? Por que uns homens têm coisas e outros não? Por que as coisas que o homem faz PODEM SER VENDIDAS? Vender é perder a autoria dos objetos? E os homens que fazem coisas para outros homens? Cada pessoa DIGA O QUE SABE FAZER, A quem pertencem as coisas que faz...

7. . .
DOIS CANTADORES TOCANDO VIOLA E UM RÁDIO AO LADO.

O homem faz apenas coisas? Um compositor de samba faz "coisas"? Um samba é uma coisa? Um cantador é também um PRODUTOR? Por que uns homens fazem cantorias, versos, livros, discursos e outros fazem casas, estradas, objetos? As coisas que o cantador e o escritor fazem podem ser conservadas como uma casa? Quando você ouve um cantador, um sambista, um discursador, o que eles cantam ou dizem passa a ser seu, ou continua a ser deles? Como pode um samba, feito por um sambista, vir a ser de todos? Um rádio é uma coisa? Como fala e canta? Qual a diferença entre um rádio e um livro? Para que servem os livros? Como podem os homens guardar tudo que inventam? Quem lhe ensinou sua profissão? Você ensina sua profissão a outro? A quantas pessoas? Que é ser professor? Você é um professor quando ensina ao outro sua profissão? Um livro pode ensinar uma profissão? Que podem ensinar os livros? O rádio ensina? Quem fala no rádio? O jornal ensina? Quem escreve no jornal? O rádio diz sempre a verdade?

8º.

UM VAQUEIRO DO NORDESTE.

Por que êste homem se veste de couro? Por que vocês não se vestem de couro? Por que você - olhando esta figura - sabe que é um vaqueiro? Pode-se saber de onde são as pessoas, olhando como se vestem? Por que variam as roupas das pessoas, as casas, os alimentos que comem?

9º.

UM GAUCHO DE BOMBACHAS.

Por que êste homem se veste diferente do vaqueiro? É êle também um vaqueiro? Por que cada pessoa dêste círculo se veste diferente? Como se chama a maneira que cada pessoa tem de se vestir, de fazer suas casas, de comer, de adorar a Deus?

10º.

UM CÍRCULO DE CULTURA (uma porção de pessoas, o coordenador, um quadro-negro ou uma figura, todos discutindo).

Que fazem estas pessoas? Que querem elas? Por que estão assim? Que discutem? Por que discutem os homens? Todos os homens têm as mesmas opiniões sobre as coisas? Eles querem aprender a ler? Você quer aprender a ler? Para que?

OBSERVAÇÃO

Êstes quadros foram planejados para levar o indivíduo a sentir o desejo e a necessidade de aprender a ler. Através dêles, o coordenador deve fazer o grupo discutir TÔDA REALIDADE. Se a discussão se encaminhar para temas fora do quadro não tem importância: é até sinal de vitalidade do grupo. Quanto mais tempo e mais ricamente o quadro fôr discutido, melhor será o coordenador. Quando terminar êste trabalho, o grupo está homogêneo, já se entende, já fêz uma espécie de "catarse" de seus problemas, está ansioso para ver se PODE MUDAR. É hora, portanto, de APRENDER A LER. Não uma leitura para "votar", para "assinar o nome" - mas, para ser mais cidadão, mais homem, mais participante, mais culto...

* * * * *

A TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO PRÓPRIAMENTE DITA

O grupo de "palavras geradoras" retiradas do "universo vocabular" devem atender a dois princípios:

- corresponder às vivências do grupo para permitir ampla discussão nos "círculos de cultura" (aula) e
- resolver todos os problemas fonêmicos da língua portuguesa, isto é, conter todas as situações da leitura.

Contraponto a Paulo Freire

obs. - O método Paulo Freire é SILÁBICO, a palavra gerada serve apenas de contexto gestáltico de onde se retiram as sílabas. A palavra é assim como uma CHAVE que permite, pelo desdobramento das sílabas através das vogais, DECIFRAR o TEXTO - Aliás, esta idéia de decifrar deve ser a tônica de todo trabalho: o coordenador deve estar sempre propondo um PROBLEMA PARA SER RESOLVIDO EM GRUPO (método psicogenético).

Exemplo de palavras geradoras usadas, em diversas ocasiões, pela equipe de Paulo Freire:

- Cajueiro Sêco (Recife): Tijolo - voto - siri - biscate - cinza - doença - chafariz - máquina - emprêgo - engenho - mangue - terra - enxada - classe.
- Tititi (colônia agrícola da Sudene): Tijolo - voto - roçado - abacaxi - cacimba - passa - feira - milho - naniva - planta - lombriga - engenho - guia - barra - cão - charque - cozinha - sal.
- BRASÍLIA: TIJOLO - VOTO - FARINHA - MÁQUINA - CHÃO - BARRACO - AÇOUGUE - NEGÓCIO - SOBRADINHO (cidade satélite) - PASSAGEM - POBREZA - PLANALTO - TRABALHO - EIXO - BRASÍLIA .

obs. - Assim, como se vê, cerca de 14-15-16 PALAVRAS GERADORAS podem conter todos os fonemas da língua portuguesa, com todas as dificuldades fonêmicas imagináveis. É isto que dispensa a CARTILHA. No caso, a cartilha vai sendo construída pelo próprio grupo, à medida que vai, primeiro, fazendo palavras, depois frases.

Cada palavra é apresentada num CONTEXTO: uma cena viva é apresentada num cartaz ou num filme contendo, discretamente, no alto, a palavra geradora.

Passos formais do processo:

- 1º quadro-Cena de construção: Operários trabalhando. No primeiro plano, uma mão que levanta um enorme tijolo, projetado pela proximidade com que se apresenta ao observador. No alto, discretamente, a palavra TIJOLO. O coordenador faz o grupo discutir a cena: Que é isto? Que estão fazendo? Quem constrói? De quem é a construção? quem são os operários? Quanto ganham? (Em Brasília, como tudo ainda gira em torno de CONSTRUÇÃO, da discussão nascem todos os problemas do candango...)
- 2º quadro-A palavra TIJOLO, em negrito, num fundo colorido, vermelho como a paisagem de Brasília revolvida pelos tratores. O Coordenador faz os alunos compararem esta palavra, assim apresentada isoladamente, com a que estava no alto do cartaz anterior. Quase todos identificam a palavra e dizem: "TIJOLO"
- 3º quadro-A palavra TI-JO-LO apresentada em seus elementos fonéticos, em forma de SÍLABAS. O Coordenador faz exercícios de SEPARAÇÃO DE SÍLABAS, através desta e de outras palavras, até perceberem que é o movimento de articulação da boca que determina a sílaba.
- 4º quadro-TA TE TI TO TU - isto é, o DESDOBRAMENTO da primeira sílaba de TIJOLO, através da mudança da vogal. O exercício consiste em fazer notada a VOGAL. Logo, na discussão, percebem os alunos que a primeira parte é IGUAL e a segunda é diferente: em tôdas as sílabas (pedacinhos, como êles dizem) há uma parte igual (isto é, o T) e uma parte diferente (isto é, a, e, i, o, u). Estuda-se, então, a diferença entre as cinco vogais.
- 5º quadro-JA JE JI JO JU - repete-se o exercício anterior.
- 6º quadro-LA LE LI LO LU - repete-se o exercício anterior. Nesta altura, vai se perdendo, evidentemente, o contacto com a palavra geradora. O Coordenador tem o cuidado de voltar sempre a ela em rápidas RECAPITULAÇÕES. A palavra tijolo é sempre a CHAVE por onde se começa.
- 7º quadro-JA JE JI JO JU
TA TE TI TO TU
LA LE LI LO LU

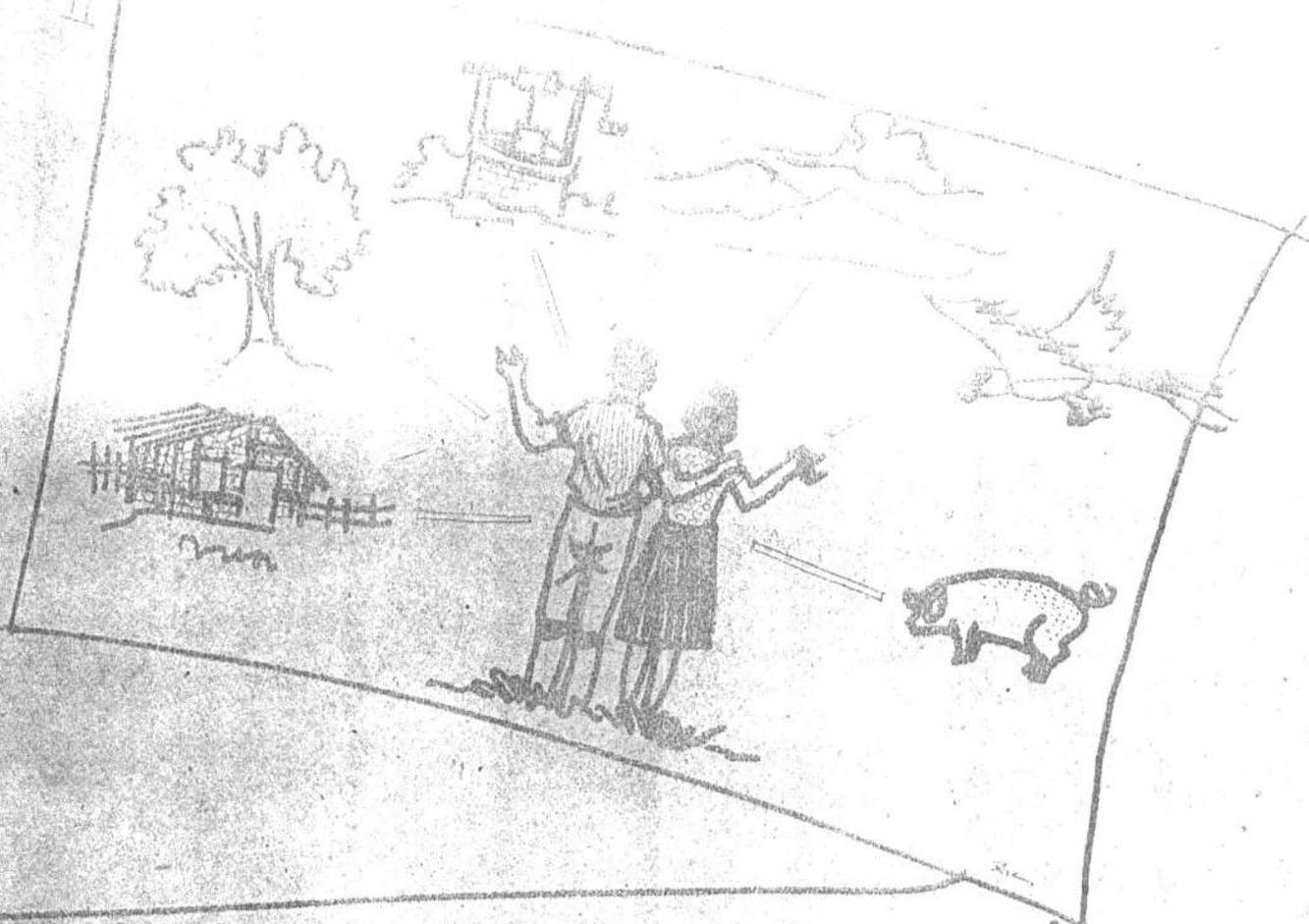
Tôdas as sílabas geradas, com a aplicação das vogais, são apresentadas de uma vez. É a CHAMADA FICHA DE DESCOBERTA. Daqui parte todo o processo de alfabetização. Esta ficha representa uma CHAVE DE DECIFRAÇÃO, como veremos. Começa-se por identificar as sílabas estudadas nas fichas anteriores. Leitura horizontal. Vertical. Diagonal. De cima para baixo. De baixo para cima. Etc.

tijolo

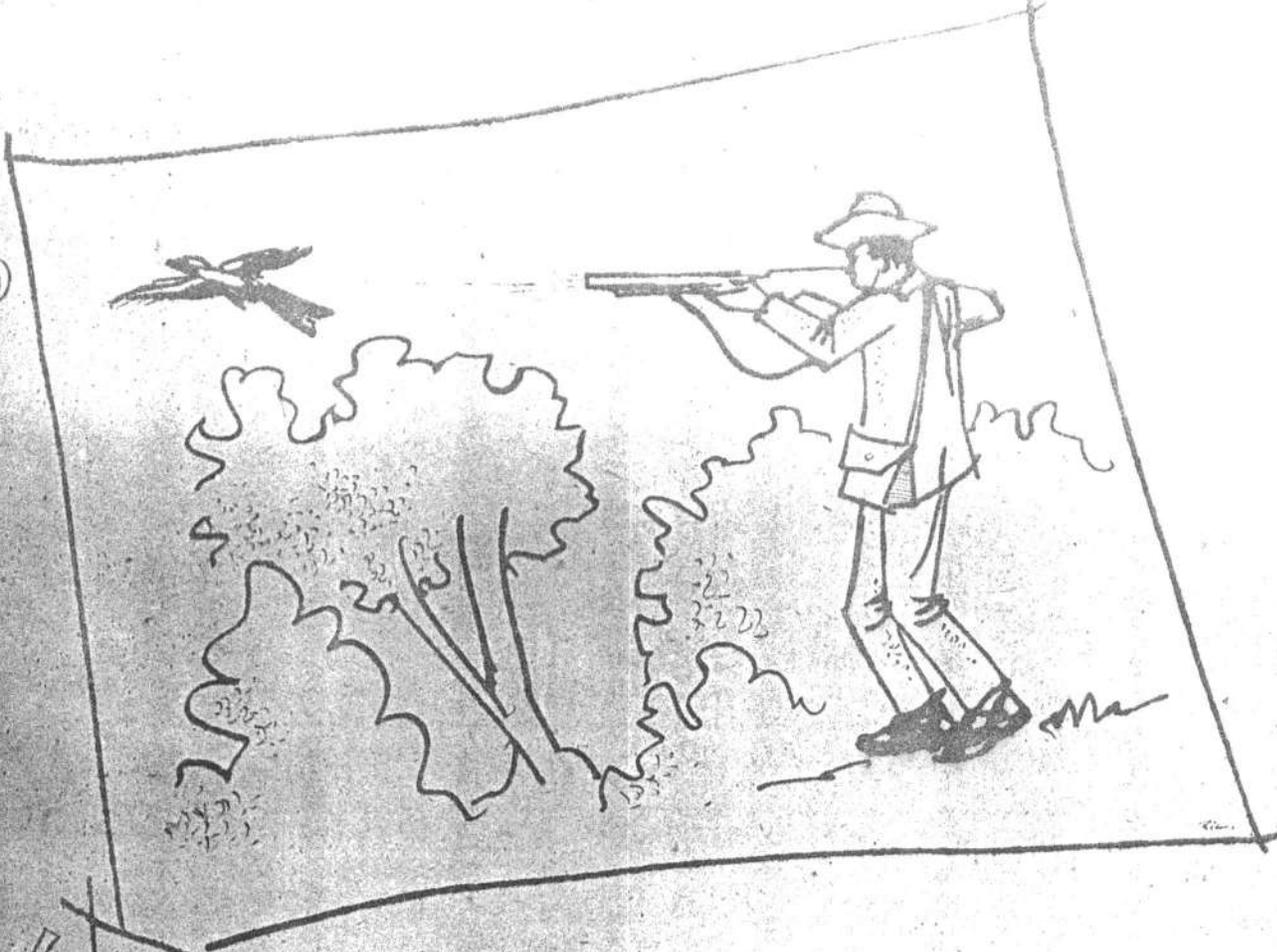


1. O desinterêsse, apesar de real, depende sempre das condições de vida que a pessoa leva, nunca é generalizado e conscientemente desejado.
2. Há uma simplificação nessa afirmação. Não se pode vincular dêsse modo dualista tão radical uma explicação que não tem as conseqüências que se poderiam concluir das palavras usadas no texto. O alfabetizado pode, de fato, ser "dominado", no sentido sociológico, sem ter consciência disso nem rancor por quem quer que seja. O patrão, vinculado à estrutura social, também pode "dominar" sem o saber. Transmitir o conceito de igualdade e diminuir as distâncias geradas por privilégios não implica, necessariamente, numa classificação generalizada das pessoas em dois grupos antagônicos.
3. O homem não é "imagem e semelhança de Deus" apenas porque cria. Não há erro na afirmação, mas parece um tanto limitativa.
4. Tem-se que entender "criticar" no sentido de análise crítica, caso não se queira levar o leitor a aceitar "crítica" como qualquer reclamação ou revolta.
5. Preferimos usar uma "mudança de atitude" em lugar de "desequilíbrio psicológico".

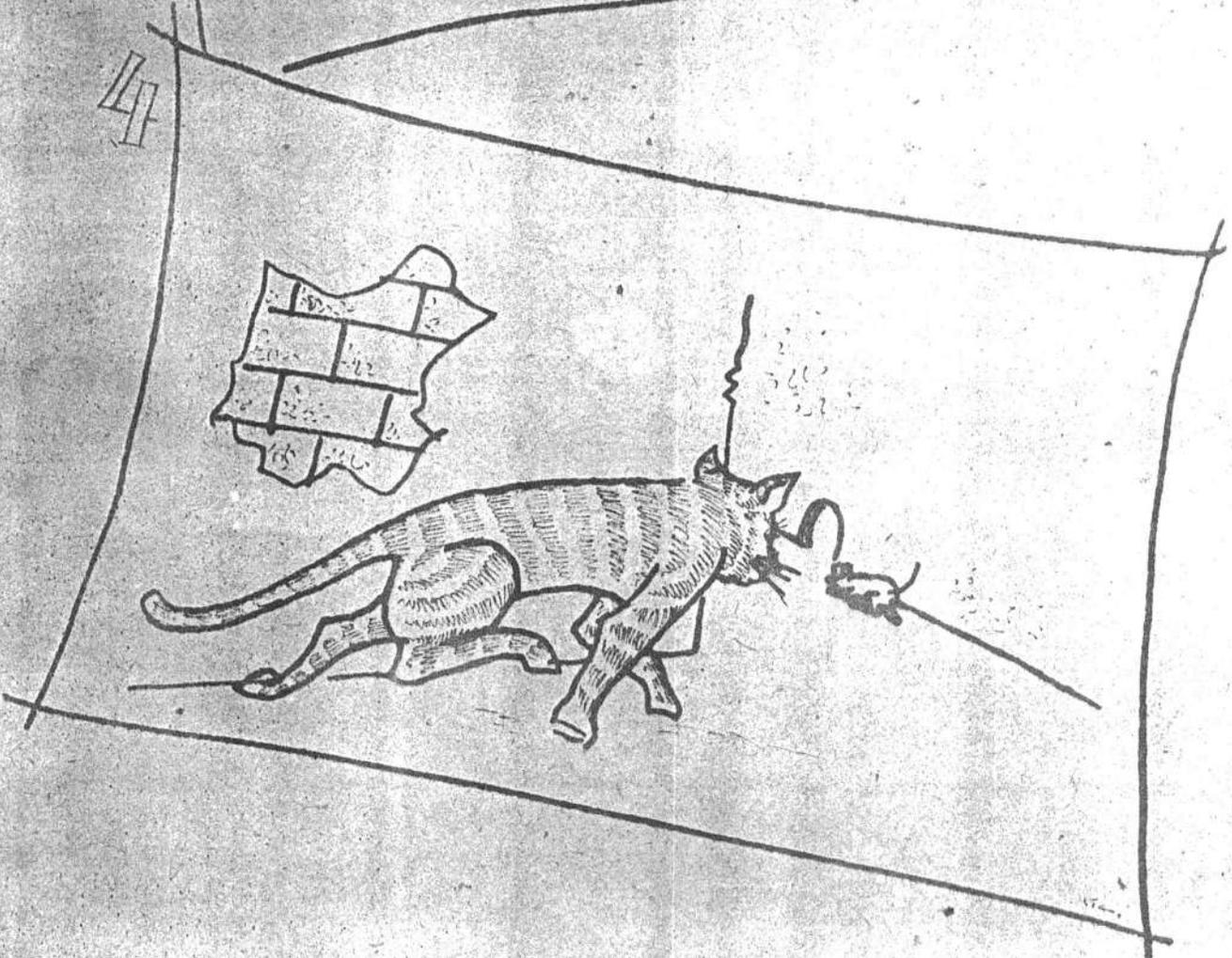
* * * * *



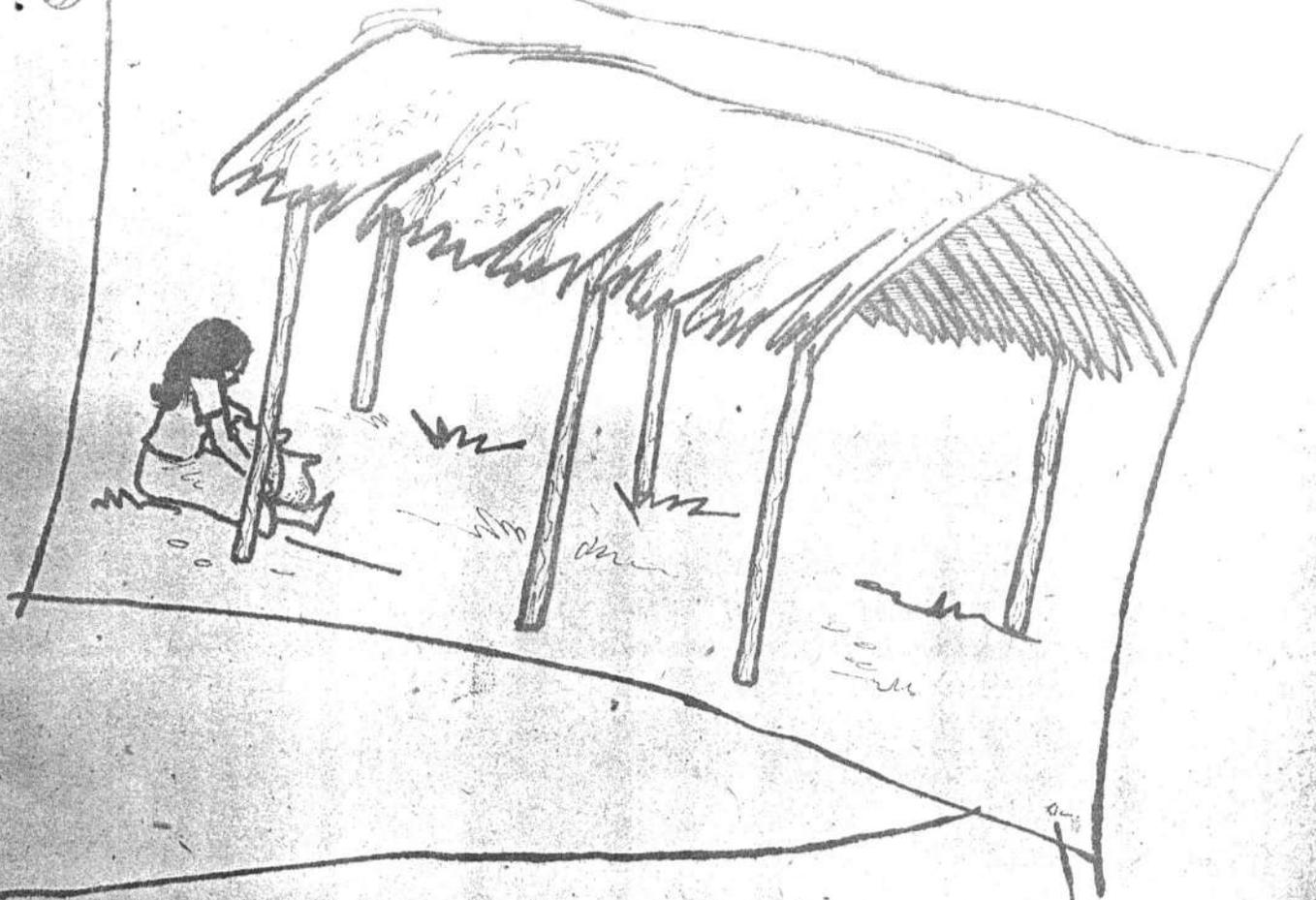
3



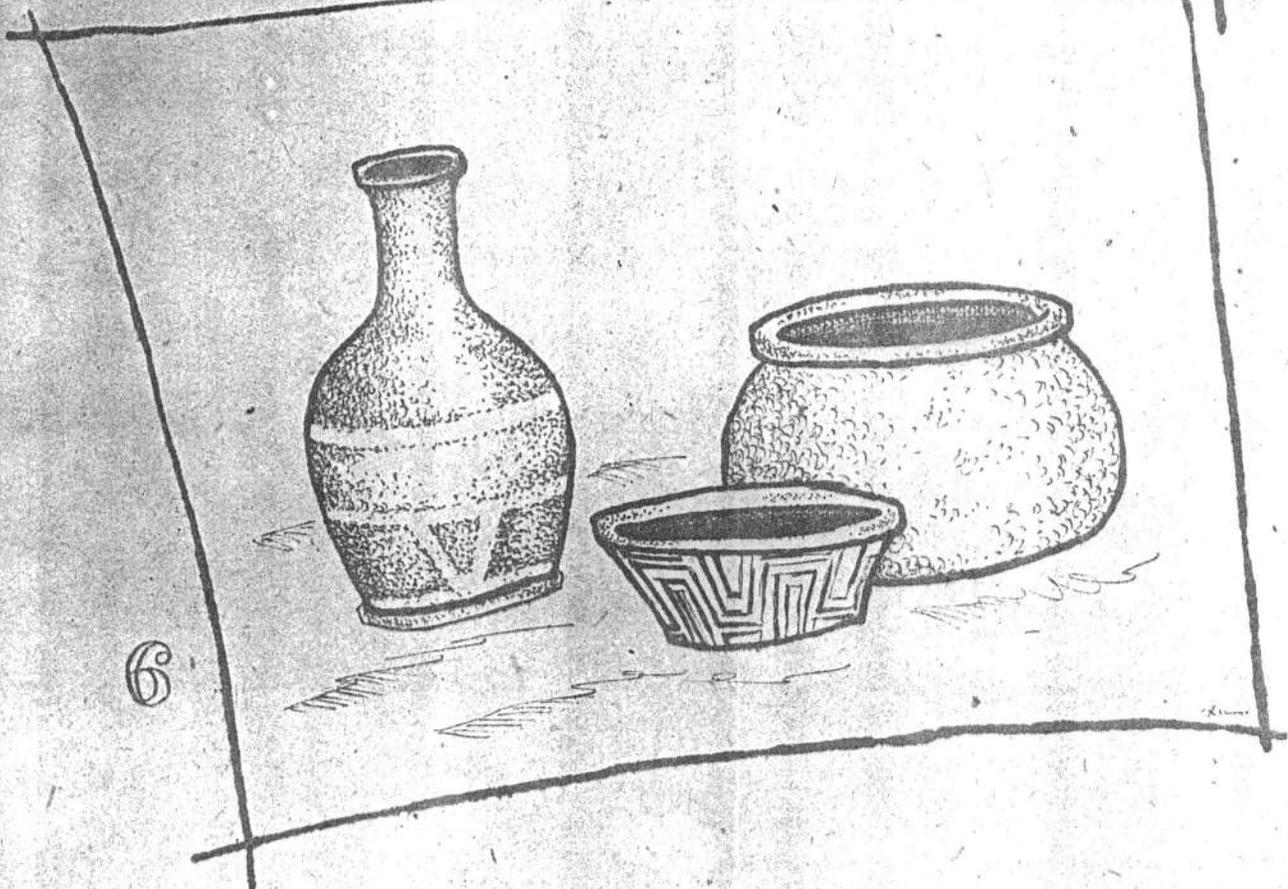
4



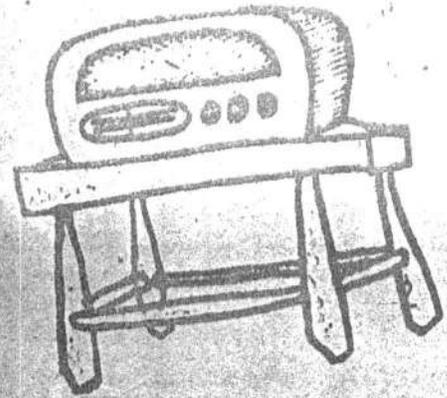
5



6



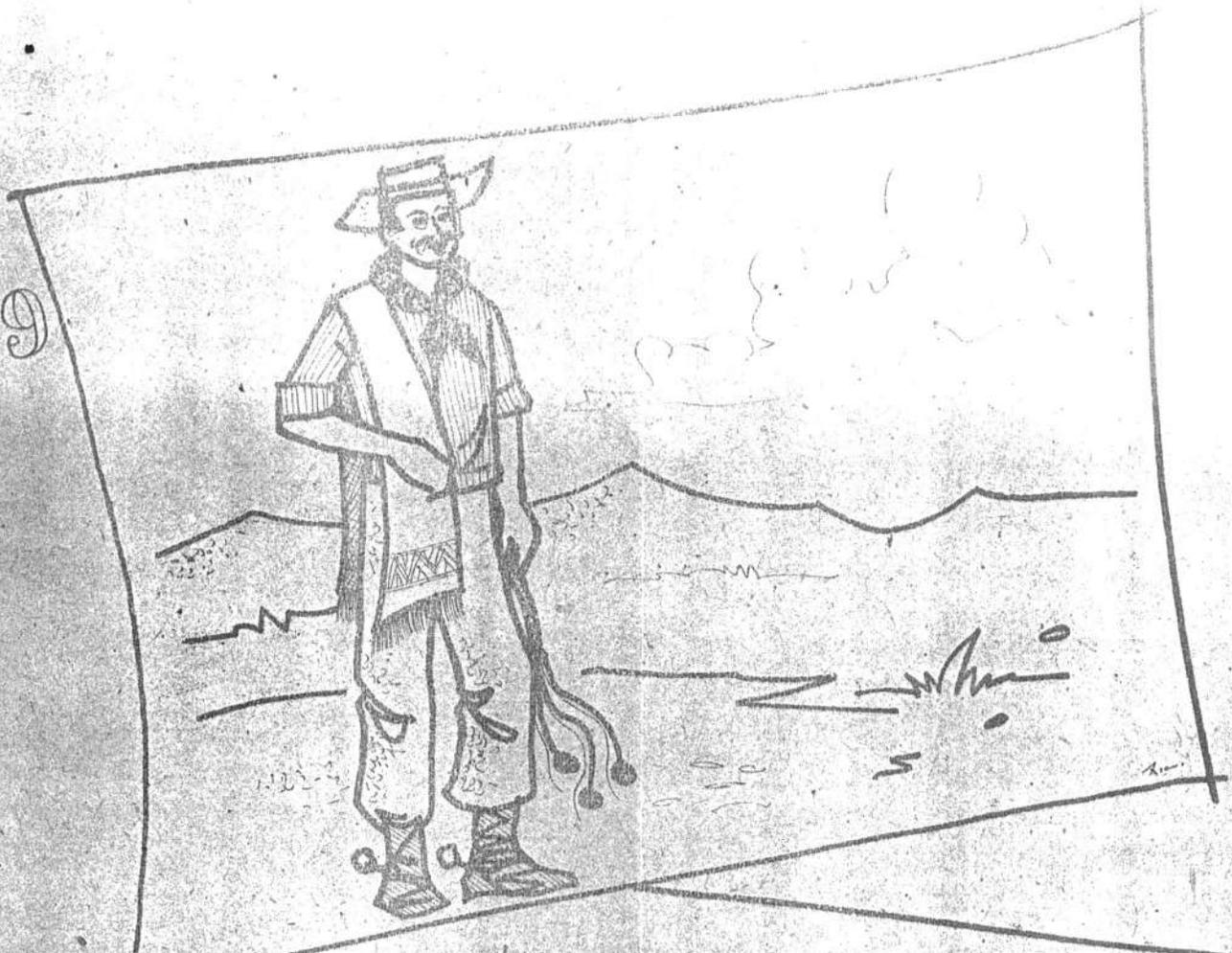
7



8



9



10

